



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INAUGURAÇÃO DA CASA DO CANTADOR *

Ceilândia, DF
9 de novembro

Uma homenagem aos poetas populares, criadores da literatura de cordel que percorrem o País e aos cantadores, transmitindo inspirada beleza.

9 de novembro — O Presidente José Sarney, muito aplaudido pela multidão, inaugura a Casa do Cantador, assistindo a um duelo de repentistas.

É com imensa alegria que aqui me encontro, neste domingo de sol, para me associar a todos os poetas e cordelistas que vêm concretizado o seu grande sonho de plantar aqui no Planalto Central, nesta terra de pioneiros, a Casa do Cantador.

Ela será, sem dúvida, a presença da alma, das tradições e das vivências destes homens extraordinários, que são os homens do espírito que, peregrinando pelos sertões e por todos os rincões, buscam na poesia um derivativo para a sua alma e um momento para viver.

Esta Casa representa também a sensibilidade e a característica humana do governador José Aparecido de Olivei-

* Improviso.

ra, colocando, entre outras obras que realiza no Distrito Federal, uma Casa do Cantador. A ele desejo agradecer, em nome do Governo, e também louvar a dedicação com que vem se devotando a outros setores na administração tão difícil do Distrito Federal.

Para mim é uma grande alegria estar aqui na Casa do Cantador. Reecontro muitos amigos, cantadores do Nordeste, da minha região. E esta cidade em grande parte é um pedaço do Nordeste dentro de Brasília.

Vejo Pedro Bandeira, neto de Manuel Claudino Bandeira, um dos maiores cantadores deste País, de uma família de cantadores, que, quando fui governador do Maranhão, fez o cordel *o Maranhão dos Sarneys*. Revejo muitos deles aqui neste instante. Sempre estive associado pela admiração a esta gente extraordinária.

Lembro-me da primeira vez na minha vida em que assisti a uma cantoria, na casa humilde de meu avô, que era lavrador em Salvação, em Lima Campos. No princípio de uma noite, num barracão de palha; do lado, uma lamparina de fuligem e quatro homens iniciaram a cantoria, cada um se apresentando.

Se não me falha a memória, era Manuel de Araújo, era Pedro Bem-te-vi, era Joaquim Andorinha, e era um quarto cantador de quem não me recordo. E a cantoria começa com os primeiros sons da viola, mansa, devagar, lenta. E, de repente, começa o desafio: o martelo, o galope à beira-mar, o testal quadrão. E então a cantoria começa a nascer no meio da noite e se esquece do tempo.

Eu era menino e olhava encantado aquela encantação das vozes que traziam gestos de homens, de bichos, de terra, para mantê-las indeléveis para sempre, não só na tradição dos cantadores, como também na linguagem erudita dos pesquisadores.

Político, nunca deixei, ao longo da caminhada, de encontrar, nos lugares que visitava, um momento para assistir a uma cantoria, numa feira de nossa região, numa festa, numa ladainha, numa casa, num varandão de fazenda. Quando governador de meu estado, as portas do Palácio

dos Leões nunca se abriram para grandes festas, mas nunca passou um ano sem que lá não fizéssemos uma cantoria.

Aqui mesmo em Brasília, outro dia, no meu sítio, onde há mais de dez anos passo os meus momentos de lazer, difíceis de conseguir, ia saindo, quando na porta me avisaram: «Está aí um ônibus com mais de 30 cantadores que vêm visitar Brasília e desejam entrar». Suspendi a saída e mandei-os entrar. Trouxeram-me de presente uma viola e aí começamos, na fazenda, naquilo que seria a minha saída, uma demora de bastante tempo, mergulhado no mar de cantoria.

E agora, quando o governador convidou-me para vir aqui fazer a inauguração da Casa do Cantador, disse a ele: «Não posso deixar de ir. Por cantoria caminho quantas léguas forem necessárias.»

E aqui estamos, com o Presidente da República, que é igual a todos vocês, com os mesmos sentimentos e buscando manter as suas origens, as suas raízes que estão plantadas na sua terra do Nordeste e voltado com o coração para o Brasil inteiro.

Que mais posso dizer? Quando chegava, um homem do povo advertia-me: «Sarney, segura o cruzado!» E devo terminar dizendo: «Nós vamos segurar o cruzado.» Por quê? Porque com o cruzado realizou-se aquilo que disse na noite em que perdemos Tancredo Neves: «Nossa prioridade será para com os mais pobres.»

Hoje, as estatísticas mostram que 33 milhões de brasileiros passaram a ser consumidores em várias faixas de consumo e principalmente os mais pobres, que tiveram acesso que não tinham e que também passaram a não ser explorados como eram antes.

Outro dia eu também recolhi de um homem do povo, sobre o problema da carne: «Hoje está faltando carne, mas se ficássemos como no passado, hoje estaria apodrecendo carne porque teria carne, mas o povo não teria dinheiro para comprar.»

Na minha despedida, devo dizer que temos problemas, vamos ter problemas. Este País não é só um grande país, é também um País com grandes problemas. Mas nós estamos

aqui, Governo e povo, para enfrentar os problemas. Porque hoje o povo está no Governo e o Governo está no povo.

E para terminar, assim como o Lourival se apresentou, eu também desejo como humilde cantador do Nordeste me apresentar:

*José Sarney é meu nome,
com ele fui batizado,
e na matriz do meu São Bento,
onde também fui crismado.*